

Estratégias **Rio Bravo**



Dezembro 2019

O primeiro ano e adiante

Gustavo Franco

gustavo.franco@riobravo.com.br

Ao final de 2019, o primeiro ano da presidência Jair Bolsonaro, alguns indicadores-chave ainda ensejam dúvidas, mas o tom geral do painel de controles para a economia, acerca do que vem adiante, é muito positivo.

Os indicadores de atividade têm vindo melhores, com destaque para a surpresa positiva que foi o PIB para o terceiro trimestre (variação de 0.6% em relação ao trimestre anterior) e mais: na composição do PIB verifica-se que os investimentos subiram, enquanto caiu o consumo do governo, esta sendo a perfeita descrição do que vem dizendo o ministro Paulo Guedes acerca da “Mudança de modelo” que o país há de empreender.

O mercado de trabalho aqueceu um tanto mais: foram criados cerca de 100 mil empregos formais em novembro, informa o CAGED, acumulando cerca de 950 mil para o ano, número razoável, mas não se deve esquecer que a força de trabalho cresce cerca de 1,4 milhão a cada ano.

Esse ritmo de criação empregos, ainda que melhor que o de antes, estabelece uma redução do desemprego em ritmo um tanto lento. Ademais, os críticos do governo têm insistido no assunto da “qualidade” dos empregos, eis que crescem os empregos “informais” e “conta-própria”, possivelmente emulando a ampliação da “economia GIG” (frilas, terceirizados, trabalhadores em aplicativos, essas coisas), um fenômeno internacional.

Não há dúvida de que o Brasil será um dos palcos das tensões em torno do crescimento dessas novas formas de trabalho, inclusive pelos questionamentos envolvendo a nossa Justiça do Trabalho.



Não há dúvida de que o Brasil será um dos palcos das tensões em torno do crescimento das novas formas de trabalho.



Tudo isso não obstante, o clima de final de ano no varejo e na indústria foi muito positivo, o mesmo valendo para os mercados financeiros. Destaque-se, nesse terreno, a taxa de juros, terminando o ano em mínima histórica (na reunião de 11 de dezembro o COPOM fixou a SELIC em 4,5%), e com a curva de juros bastante deitada, portanto antecipando uma longa permanência da SELIC nesses níveis.

O Banco Central divulgou o seu “Relatório Trimestral de Inflação” com projeções de inflação, usando as expectativas do FOCUS para juros e câmbio, pelas quais a variação do IPCA para 2019 seria de 4%, 3,5% em 2020, 3,4% em 2021 e 3,4% em 2022. A meta está em 4,25% este ano e cai 25bps ao ano até 3,5% em 2022.

Em paralelo, a S&P melhorou o outlook da nota da dívida brasileira, enquanto o mercado reduziu o CDS para o Brasil para níveis que já são consistentes com o investment grade. O problema para a recuperação dessa nota, todavia, continua onde sempre esteve, nas contas fiscais.

Em 15 de dezembro o secretário do Tesouro, Mansueto Almeida, publicou um esclarecedor texto no Brazil Journal (“Contas públicas: uma comemoração e um alerta”) no qual antecipava alguns resultados para 2019 com uma ponta de orgulho: com muito esforço, o ministério da Economia conseguiu um déficit primário de R\$ 70 bilhões, ou parecido, para 2019, bem melhor do que se esperava (conforme a LDO) – a meta era de R\$132 bilhões. Ou seja, houve uma alteração substantiva, para um patamar superior, nas contas fiscais, que melhorou consideravelmente as projeções de crescimento da dívida pública, que deve atingir 77% do PIB para 2019.



Houve alteração substantiva nas contas fiscais, o que melhorou consideravelmente as projeções de crescimento da dívida pública

O país precisaria de um superávit de 2% do PIB para estabilizar a dívida, e ainda falta muito para chegar lá, especialmente se se considera a natureza excepcional de alguns fluxos importantes a explicar os bons resultados de 2019. O tom de artigo do secretário é de advertência, pois ele claramente teme a complacência, sempre uma adversária temível dos programas brasileiros de ajuste fiscal, o Brasil é a República de Deixar As Coisas Pela Metade. Alerta o secretário: “A tentação de gastar ‘um pouco mais’ agora que uma ‘folga’ foi conquistada precisa ser combatida. A sociedade brasileira continua a ter imensas demandas reprimidas, e haverá sempre alguém propondo que se atendam demandas no curto prazo em detrimento da saúde fiscal no longo prazo. Não podemos ceder.”

Enquanto isso, no cenário internacional, justamente quando pareciam boas as perspectivas (para a alegria dos mercados) de um acordo comercial com a China, a operação que resultou na morte do general iraniano Qassem Soleimani recriou uma atmosfera de enorme incerteza, como há tempos não se via. A elevação do preço do petróleo, a consequência mais simples e óbvia de tudo isso, no mínimo, fará voltar o debate sobre a política de preços de derivados do petróleo pela Petrobras, e talvez interfira em alguma medida nos cenários de inflação.

Tudo considerado, o ano de 2020 começa com grande otimismo e debates curiosos sobre as vantagens políticas que o presidente poderá retirar do bom andamento da economia, mesmo levando em conta que Jair Bolsonaro parece empenhado em manter viva a luta eleitoral e cultural, deixando, com isso, o país dividido e contrariado.

Talvez a economia sirva para dissolver essas tensões ao longo de 2020.



2020 começa com grande otimismo e debates curiosos sobre as vantagens políticas que o presidente poderá retirar do bom andamento da economia



Renda Fixa



Evandro Buccini

evandro.buccini@riobravo.com.br

Em 2019, o mercado de renda fixa foi impactado pelo movimento de abertura dos spreads de crédito no mercado secundário, embora a qualidade de crédito e dos resultados das companhias tenham melhorado em geral.

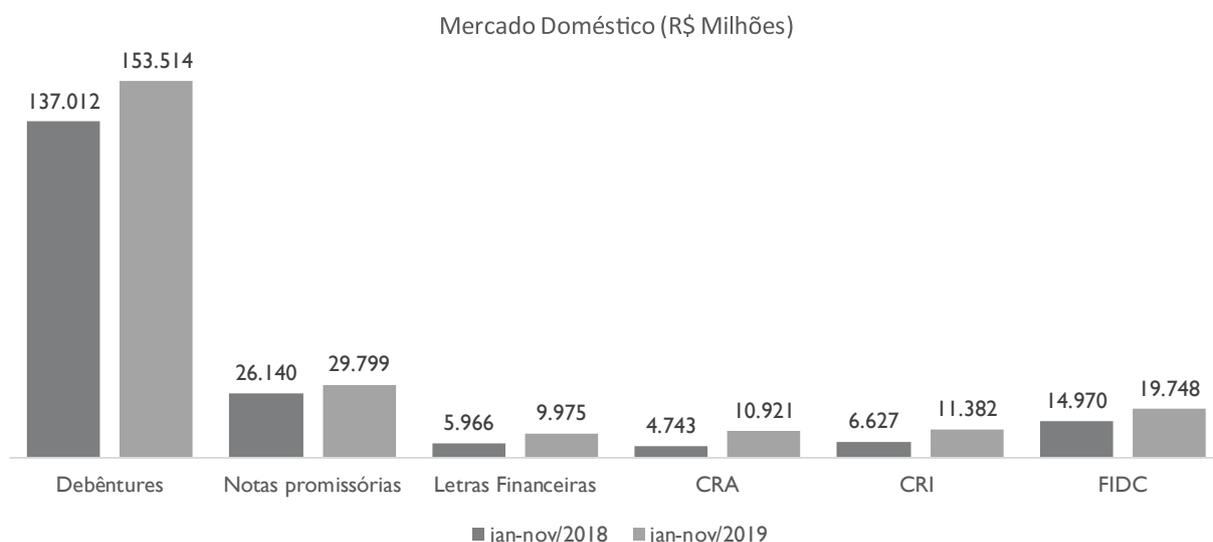
Os principais motivos que levaram a essa abertura foram: (i) questões macroeconômicas – queda de taxa de juros a mínimas históricas – e (ii) movimento de mercado – investidores buscando maior rentabilidade. Os papéis com maior maturidade e remunerados a percentual do CDI foram os que sofreram grande reajuste. Apesar de o mercado já ter corrigido grande parte dos papéis, acreditamos que ainda possa haver volatilidade mais alta do que no passado nos preços no mercado secundário.

Entretanto, no mercado primário, a esperada retomada gradual na economia brasileira e os novos projetos de infraestrutura proporcionarão

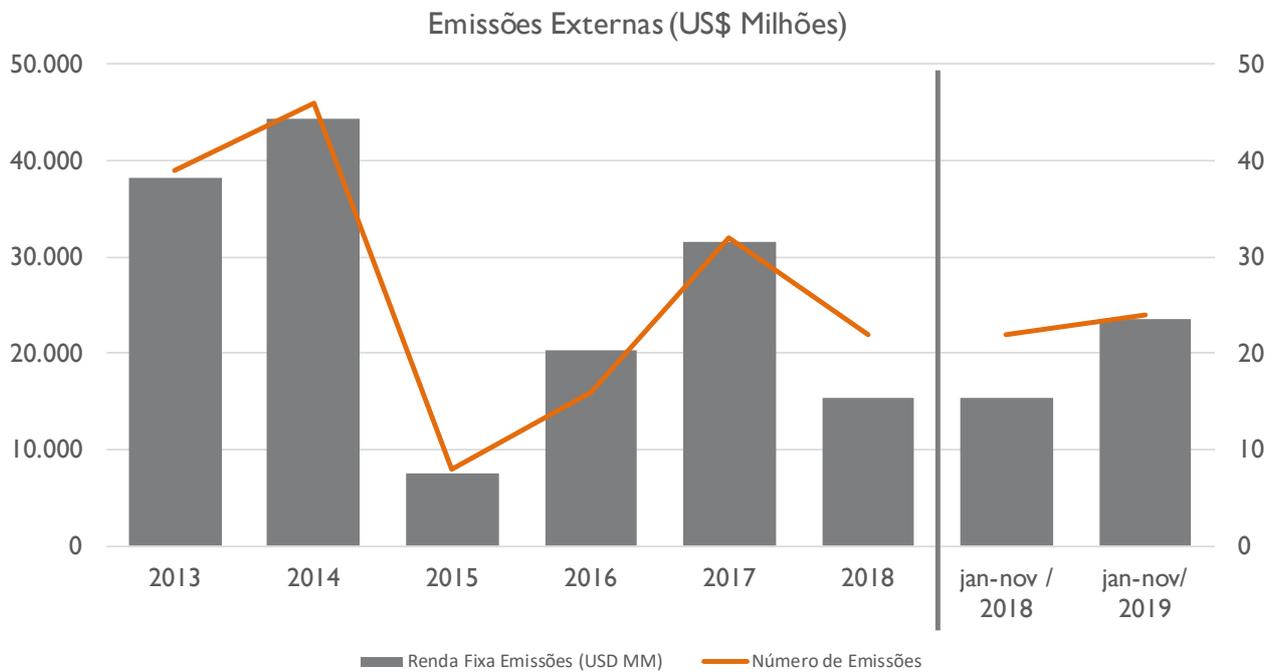
um cenário promissor para aumento de emissões de crédito corporativo para 2020.

De acordo com dados compilados pela ANBIMA, as captações de recursos em renda fixa (Debêntures, NP's, CRI's, CRA's e FIDC's) via mercado de capitais doméstico totalizaram R\$ 235,4 bilhões entre janeiro e novembro de 2019, o que significa aumento de 20,4% em relação ao mesmo período do ano anterior.

As emissões de debêntures representam R\$ 153,5 bilhões do total de captações (+12,0% vs. o mesmo período do ano anterior). O prazo médio das emissões em 2019 foi de 6,1 anos (idêntico ao ano de 2018). Além disso, a participação de investidores institucionais aumentou, do volume total emitido 57,6% foi destinado a esses investidores (vs. 52,9% em 2018).



No mercado externo de crédito, o volume captado entre janeiro e novembro de 2019 apresentou aumento de 20,4% quando comparado com o mesmo período do ano anterior.



Investimentos Imobiliários

Anita Scal

anita.spichler@riobravo.com.br

O ano de 2019 foi marcante para o mercado de fundos imobiliários. O segmento de FIIs iniciou o ano com aproximadamente 205.000 investidores e terminou com mais de 570.000. Além do aumento da base de pessoas físicas, o número de fundos registrados na B3 saltou de 168 para acima de 200.

A quantidade de ofertas públicas de fundos imobiliários cresceu mais que 75% comparado a 2018. Encerramos 2019 com cerca de 70 ofertas ICVM 400 registradas e aprovadas. No que tange a captação do setor, entre ofertas ICVM 400 e ICVM 476 (ofertas restritas), a indústria captou mais que R\$ 27 bilhões, número 68% superior a 2018.

O IFIX (índice de Fundos de Investimentos Imobiliários) bateu a marca dos 3.000 pontos em dezembro, encerrando 2019 com valorização de 35,98%, contra 31,58% do Ibovespa e com um terço da volatilidade do índice de ações e um índice sharpe cinco vezes maior. Como é possível perceber no gráfico abaixo, tal valorização está fortemente atrelada à queda da taxa SELIC, que iniciou o ano em 6,5% e hoje está em 4,5%, e a busca dos investidores por ativos com maior risco em busca de um maior retorno



Fonte: BACEN e Rio Bravo

A valorização dos fundos, o grande volume de captação e o surgimento de novos fundos imobiliários fizeram com que o patrimônio líquido do IFIX crescesse 91% no ano, chegando a R\$65 bilhões. Esse crescimento observado no período é muito positivo para a indústria, pois traz mais liquidez para a classe de ativos, deixando-a mais atrativa para os investidores institucionais, o que, como consequência, traz maior nível de profissionalização para o mercado.

Após um ano tão aquecido e positivo para a classe de FIIs, ficam dois questionamentos: Será que continuaremos vendo uma valorização do IFIX em 2020? No ano que ora começa, o mercado de fundos imobiliários irá crescer na mesma proporção que esse ano?

Como já mencionado, a valorização dos fundos imobiliários ao longo de 2019 está atrelada à queda de juros e sua consequente compressão de *dividend yield*. Em 2020, o fundamento de cada um dos ativos imobiliários será muito importante para a valorização ou não dos fundos imobiliários. Terá início, assim, o momento do ciclo imobiliário no qual os fundos irão se beneficiar do aumento dos aluguéis, da expansão das empresas com necessidade de alugar maiores espaços, do aumento do consumo e retomada da economia, fatores que levarão ao crescimento dos dividendos pagos e valorização dos papéis.

Sobre o crescimento do mercado de fundos imobiliários, o ano de 2020 deve apresentar crescimento igual ou superior a 2019. Com as recentes perspectivas de juros baixos por um

período mais longo, essa classe de ativos oferece para o investidor, na maior parte das vezes, uma renda mensal e uma boa relação de risco e retorno acima da taxa básica de juros. Além disso, o mercado de fundos imobiliários brasileiro é pequeno se comparado a outras classes de ativos ou outros mercados mundiais, como os REITS nos Estados Unidos ou as FIBRAS no México, ou seja, existe ainda muito espaço para crescer em diferentes segmentos de fundos.

Por fim, o ano de 2019 foi muito concentrado no crescimento das estratégias de ativos de shopping e varejo, logísticos e industriais, crédito imobiliários, fundo de fundos e lajes corporativas. Em 2020, devemos ver o crescimento de estratégias não tão conhecidas pela maioria dos investidores, como fundos de hotéis, fundos residenciais, fundos hospitalares, fundos educacionais, entre outros.



Renda Variável

Paulo Bilyk
paulo.bilyk@riobravo.com.br

B3 (B3SA3)

Neste início de 2020, vamos comentar brevemente a posição que mais contribuiu para a performance no ano de 2019, a B3. Antiga na nossa carteira, a empresa é fruto da fusão entre BMF&Bovespa e Cetip, sendo a última uma empresa que tínhamos desde 2012 e apresentou uma das melhores contribuições de retorno da história do fundo.

Atuando, até recentemente, como monopolista, a B3 tem como vantagem competitiva ativos difíceis de serem replicados por novos entrantes e escala grande suficiente para suportar todo o custo fixo atrelado à operação de sistemas e de pessoal inerente a esse tipo de negócio. Sua fonte de receita inclui a prestação de serviços de (a) negociação e pós-negociação – compensação, liquidação e depósito centralizado – para diversas classes de ativos; (b) registro de instrumentos de renda fixa e derivativos negociados via balcão; e (c) base de dados para operações de financiamento de veículos e de imóveis.

Desde integração das duas empresas, o foco foi a captura de sinergias – integração de sistemas e otimização de data centers – e a maior oferta de produtos, com pipeline para entregar mais de 40 produtos até fim do último ano. Além disso, com maior atuação de pessoas físicas na bolsa e retomada de volume por parte dos institucionais locais, houve forte crescimento de volume negociado de contratos spot e futuro, resultando num crescimento do lucro operacional acima de 30% no ano. Em termos estratégicos, a recente decisão de redistribuir mais capital aos acionistas – via recompra de ações e dividendo/JCP – nos parece correta. Ao se alavancar

um pouco – fim no ano estimado em 1,5x Dívida Total/EBITDA, patamar ainda saudável frente o estimado de 1x para encerrar esse ano – ela otimiza sua estrutura de capital ao remunerar seus acionistas tendo em vista que não há nenhum grande projeto/M&A pela frente.

Nas últimas semanas, contudo, o preço da ação sofreu bastante à medida que notícias vinculando a entrada de novos players começaram a aparecer, especialmente após o resultado do processo de arbitragem no qual a B3 terá que ceder acesso a sua estrutura de pós-negociação a competidores por uma taxa pré-definida. Apesar de negativa, cabe destacar alguns motivos pelos quais não estamos tão pessimistas com o cenário mais competitivo: (a) diferente do mercado americano ou europeu, onde há competição maior no segmento de trading, o mercado brasileiro é pequeno e não comporta diversos competidores uma vez que a receita potencial de cada um seria inferior ao custo para montar operação; e (b): é inegável que os novos entrantes terão dificuldade de competir com o player já estabelecido, com uma plataforma de maior liquidez, mais intermediários e mais produtos. Ao utilizar o sistema de pós-negociação da B3, os competidores atuarão exclusivamente no segmento de negociação, usualmente menos rentável (vide players internacionais integrados vs. os que atuam exclusivamente em trading) e com menor fidelidade dos clientes.

Aqui, numa conjuntura marcada não só pela retomada da economia, mas também pelos níveis estruturalmente menores da taxa de juros brasileira, diversos investidores se veem forçados a migrar para classes de ativos de maior risco, especialmente aqueles em que a B3 tem exposição. Embora esteja precificada a múltiplos elevados - estimamos a companhia negociando a um pouco menos que 30x P/E 2020 - este patamar é comum para empresas do setor. Ainda vemos atratividade no investimento dado e esperamos forte crescimento de lucro nos próximos anos.

Multimercados



Evandro Buccini

evandro.buccini@riobravo.com.br

O acúmulo de notícias positivas impulsionou os ativos de risco no Brasil e no mundo em dezembro. O acordo parcial entre os EUA e a China foi o principal evento do mês no exterior e levou a alta de 2,9% no S&P 500 e de 2,2% na bolsa de Hong Kong. Mesmo com todas as incertezas da negociação comercial e decepção no crescimento da maior parte dos países, foi um ótimo ano para as bolsas no mundo, com o Ibovespa, S&P 500, DAX 30 (Alemanha), FTSE 100 (Reino Unido) e Hang Seng (Hong Kong) subindo 31,6%, 30%, 25,5%, 12% e 13,6%, respectivamente. Uma das principais razões foi a nova rodada de estímulos monetários nos principais bancos centrais de países desenvolvidos. O Fed cortou três vezes a taxa de juros para o intervalo entre 1,5% e 1,75% e o Banco Central Europeu aprofundou a taxa de juros negativa para -0,5%, além de ter lançado novo programa de compra de ativos.

No Brasil, o ano começou com perspectivas muito otimistas quanto ao governo de Jair Bolsonaro e sua agenda liberal promovida por Paulo Guedes. Embora diferente do que era esperado, o novo equilíbrio político que vimos surgir em 2019 parece ter sido efetivo na aprovação de algumas medidas econômicas. Em grande parte do ano, as atenções foram direcionadas para a reforma da Previdência, que foi aprovada com uma potência fiscal maior do que a esperada no início do ano. Ainda existe um grande número de reformas a serem aprovadas para melhorarmos a produtividade e as contas públicas.

A aceleração da atividade vista no segundo semestre dá folego para a agenda reformista do governo em 2020. Os dados indicam que a construção civil, setor muito duramente afetado pela crise, mostra

os primeiros sinais de melhora e deve continuar sua retomada em 2020. No entanto, a economia permanece fragilizada e devemos voltar ao mesmo nível de renda per capita do começo da crise somente em 2024.

Um alto nível de ociosidade conjuntamente com o afrouxamento monetário internacional possibilitou ao Banco Central abaixar ainda a mais a taxa Selic para 4,5%, o que seria impensável até pouco tempo atrás. A percepção de que o Brasil estruturalmente melhorou fez com que os juros longos também caíssem, tornando mais interessante o custo de capital das empresas brasileiras, que, ao longo do ano, buscaram trocar dívida externa por dívida doméstica.

Os efeitos que juros sustentavelmente civilizados terão sobre a economia ainda não foram completamente assimilados, o que nos faz acreditar que, em 2020, teremos boas oportunidades em ativos de risco, embora não necessariamente na magnitude vista em 2019.

O Rio Bravo Apollo caiu 0,46% em dezembro e fechou 2019 subindo 5,4%, ou 91% do CDI. As posições vendidas nos índices de ações do Brasil e dos Estados Unidos e na moeda brasileira tiveram desempenho negativo e foram parcialmente compensadas pela carteira de fundos imobiliários, que tiveram mais um excelente mês.

Nos últimos meses, o Rio Bravo Apollo teve correlação levemente negativa de -1% com o índice de Hedge Funds da Anbima, o IHFA. Ademais, temos ampliado o portfólio do fundo com ativos que nos

ajudam a diversificar ainda mais nossa carteira, como fundos imobiliários. Acreditamos que no contexto de Selic na mínima histórica e inflação controlada, essa classe de ativos tem não só a vantagem de retornos atrativos (1,8% nos últimos três meses para o fundo), mas também a de manter nossa correlação baixa com o mercado.

Assim, entendemos que, em momentos de otimismo e altas significativas de mercado, não agrada ao investidor perceber que uma parcela de seus investimentos não esteja acompanhando o ânimo do mercado. No entanto, acreditamos veementemente na importância da diversificação do portfólio do investidor e não vemos muitas opções semelhantes e com risco controlado no mercado de fundos multiativos.

Iniciamos janeiro alocados principalmente em fundos imobiliários, diversificados entre os setores de shoppings, educacional e varejo, zerados em bolsa local e apostando no descolamento da taxa SOFR americana com o Fed Funds.

O Rio Bravo Previdência subiu 3,55% em dezembro e acumulou alta de 25,7% em 2019. A carteira de ações contribuiu com 14,3% e a de títulos públicos com 13,6%. Atualmente, 34% do fundo estão alocado em ações, sendo BOVA11 e UGPA3 as maiores posições; quase 50% do fundo está alocado em NTN-Bs de duration ligeiramente inferior ao IMA-B; e o restante está em caixa.

Performance

	Rio Bravo Crédito Privado FIRF	Rio Bravo Liquidez DI FI Referenciado	Rio Bravo Fundamental FIA	Rio Bravo Apollo FIC FIM	Rio Bravo Previdência FIM	Rio Bravo Pandas FIC FIM	CDI	IBOV	SMLL	EURBRL	USDBRL	FTSE R\$ (ex-UK)	IMA-B	IFIX
dezembro 19	0,43	0,31	8,28	-0,49	3,84	-0,88	-0,38	6,85	12,65	-3,34	-4,88	-1,49	2,01	10,63
novembro 19	0,14	0,32	2,36	-0,43	-0,70	-0,33	-0,38	0,95	5,14	4,11	5,45	6,44	-2,45	3,52
outubro 19	0,22	0,40	0,40	-0,05	2,21	0,71	-0,48	2,36	2,28	-1,03	-3,32	-0,09	3,36	4,01
setembro 19	0,47	0,40	3,50	0,98	3,09	-1,61	-0,47	3,57	2,08	-0,57	0,26	3,04	2,86	1,04
agosto 19	0,50	0,44	0,54	-0,07	-0,77	-0,46	-0,50	-0,67	0,48	7,92	8,66	7,61	-0,61	-0,11
julho 19	0,59	0,50	3,93	0,70	2,60	-0,45	-0,57	0,84	6,75	-3,54	-0,91	-3,75	1,50	1,27
junho 19	0,49	0,40	2,93	-0,10	3,05	-0,46	-0,47	4,06	6,99	-0,11	-1,87	4,33	3,73	2,88
Maio-19	0,54	0,48	3,26	1,15	3,01	2,34	-0,54	0,70	1,97	-0,29	0,06	-6,04	3,66	1,76
Abril-19	0,53	0,45	2,65	1,05	2,04	0,88	-0,52	0,98	1,66	-0,13	0,01	4,46	1,51	1,03
Março-19	0,50	0,40	-2,89	0,99	-1,37	0,32	-0,47	-0,18	0,10	3,02	4,36	4,13	0,58	1,99
Fevereiro-19	0,53	0,43	-2,39	0,16	0,65	0,53	-0,49	-1,86	-1,82	2,32	2,46	6,03	0,55	1,03
Janeiro-19	0,57	0,48	7,81	1,36	5,95	2,89	-0,54	10,82	9,41	-6,12	-5,37	-0,28	4,37	2,47
Ano	5,68	5,15	34,17	5,37	27,10	3,45	5,99	31,58	58,20	1,75	3,96	27,03	22,98	-
12 meses	5,60	5,08	30,60	4,98	24,11	2,41	5,92	26,30	54,23	5,38	7,21	32,34	21,84	-
24 meses	12,68	10,96	39,87	-	32,24	17,01	12,77	51,36	-	13,42	21,82	22,55	39,01	-
36 meses	24,60	21,45	77,82	-	55,77	32,03	24,19	97,02	160,70	31,84	23,16	55,43	58,39	-
48 meses	42,94	37,75	86,19	-	81,94	43,84	41,66	-	-	4,33	2,24	24,66	96,46	-
Desde o início	200,87	195,04	773,84	25,67	83,41	49,40								
PL Atual (R\$Mil)	285.111	13.295	4.612	35.872	13.048	3.571								
Data de início	14/08/2008	28/12/2007	08/09/2004	04/01/2017	12/03/2013	17/08/2015								
Taxa de Administração (a.a.)	0,45%	0,35%	2,00%	1,50%	1,10%	0,90%								
Taxa de Performance (a.a.)	-	-	20% do que exceder lbovespa	25% do que exceder CDI	-	25% do que exceder CDI								

Rio Bravo

Gustavo Franco

Conselheiro Sênior de Economia
gustavo.franco@riobravo.com.br

Paulo Bilyk

Chief Executive Officer
Chief Investment Officer
paulo.bilyk@riobravo.com.br

Evandro Buccini

Diretor
evandro.buccini@riobravo.com.br

Anita Scal

Diretora
Investimentos Imobiliários
anita.spichler@riobravo.com.br

Vanessa Faleiros

Diretora
Jurídico e Compliance
vanessa.faleiros@riobravo.com.br

José Carlito Oliveira

Gestor de portfólio
jose.oliveira@riobravo.com.br

Maurício Xavier

Diretor de renda fixa
mauricio.xavier@riobravo.com.br

Investidores Institucionais

institucional@riobravo.com.br

Daiana Pires

11 3509 6639
daiana.pires@riobravo.com.br

Paulo Rossetti

11 3509 6689
paulo.rossetti@riobravo.com.br

Roberta Moretti

11 3509 6615
roberta.moretti@riobravo.com.br

Ouvidoria

0800 722 9910
ouvidoria@riobravo.com.br



A presente instituição aderiu ao
Código ANBIMA de Regulação e
Melhores Práticas para os
Fundos de Investimento.

Este material foi elaborado pela Rio Bravo e não deve ser considerado um relatório de análise para fins. Este material tem caráter meramente informativo, não constitui e nem deve ser interpretado como sendo material promocional, solicitação de compra ou venda, oferta ou recomendação de qualquer ativo financeiro, investimento, sugestão e alocação ou adoção de estratégias por parte dos destinatários. Os prazos, taxas e condições aqui contidos são meramente indicativos. As informações contidas nesse material foram consideradas razoáveis na data em que ele foi divulgado e foram obtidas de fontes públicas consideradas confiáveis. A Rio Bravo não dá nenhuma segurança ou garantia, seja de forma expressa ou implícita, sobre a integridade, confiabilidade ou exatidão dessas informações. Este relatório também não tem a intenção de ser uma relação completa ou resumida dos mercados ou desdobramentos nele abordados. Os ativos, operações, fundos e/ou instrumentos financeiros discutidos nesse material podem não ser adequados para todos os investidores. Este material não leva em consideração os objetivos de investimento, situação financeira ou necessidades específicas de qualquer investidor. Os investidores devem obter orientação financeira independente, com base em características pessoais, antes de tomar uma decisão de investimento. Caso os ativos, operações, fundos e/ou instrumentos financeiros sejam expresso em uma moeda que não a do investidor, qualquer alteração na taxa de câmbio pode impactar adversamente o preço, valor ou rentabilidade. A Rio Bravo não se responsabiliza por decisões de investimentos que venham a ser tomadas com base nas informações divulgadas e se exime de qualquer responsabilidade por quaisquer prejuízos, diretos ou indiretos, que venham a decorrer da utilização deste material ou seu conteúdo. Este material é destinado à circulação exclusiva para a rede de relacionamentos da Rio Bravo, podendo ser divulgado também em seu site. Fica proibida a reprodução ou redistribuição para qualquer pessoa, no todo ou em parte, qualquer que seja o propósito, sem o prévio consentimento expresso da Rio Bravo. Para maiores informações sobre os produtos, tabelas de custos operacionais, acesse www.riobravo.com.br. LEIA O MATERIAL ANTES DE INVESTIR. RENTABILIDADE PASSADA NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS. FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO CONTAM COM GARANTIA DO ADMINISTRADOR, DO GESTOR, DE QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO FGC. ESTE FUNDO TEM MENOS DE 12 (DOZE) MESES. PARA AVALIAÇÃO DA PERFORMANCE DE UM FUNDO DE INVESTIMENTO, É RECOMENDÁVEL A ANÁLISE DE, NO MÍNIMO, 12 (DOZE) MESES. A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS E TAXA. AS INFORMAÇÕES PRESENTES NESTE MATERIAL TÉCNICO SÃO BASEADAS EM SIMULAÇÕES E OS RESULTADOS REAIS PODERÃO SER SIGNIFICATIVAMENTE DIFERENTES. A RENTABILIDADE AJUSTADA CONSIDERA O REINVESTIMENTO DOS DIVIDENDOS, JUROS SOBRE CAPITAL PRÓPRIO OU OUTROS RENDIMENTOS ADVINDOS DE ATIVOS FINANCEIROS QUE INTEGREM A CARTEIRA DO FUNDO REPASSADOS DIRETAMENTE AO COTISTA. DESCRIÇÃO DO TIPO ANBIMA DISPONÍVEL NO FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES. ESTA INSTITUIÇÃO É ADERENTE AO CÓDIGO ANBIMA DE REGULAÇÃO E MELHORES PRÁTICAS. Para informações, ligue para +55 11 3509-6600. Para reclamações, utilize o SAC/Ouvidoria: 0800-722-9910.

Conheça nossas estratégias

Imobiliários

Investimentos em imóveis corporativos, de varejo, logística, educacionais e shopping centers, feitos por uma equipe especializada em administração fiduciária e gestão dos ativos dos fundos imobiliários. Os investidores destes fundos podem ter distribuição periódica, podendo ser mensal ou semestral, de acordo com a política de investimentos de cada fundo, além de liquidez diária em suas cotas e baixo valor de investimento mínimo.

Renda Fixa

Investimentos em fundos que alocam recursos no mercado de crédito, atrelados à taxa de juros pós-fixada, pré-fixada e índices de preço. Cada crédito nesses fundos é analisado detalhadamente, amparados em nossa leitura dos fundamentos mínimos de longo prazo.

Multimercados

Fundos que alocam recursos em ativos de diferentes classes - juros, câmbio, ações e outros - formando em conjunto diversificado administrado de forma dinâmica em função de avaliações dos mercados financeiros doméstico e internacional.

Renda Variável

Alocação de capital em ações de empresas brasileiras com alto potencial de valorização pela qualidade de seus gastos, produtos e de seus mercados. Uma análise fundamentalista, feita ação por ação em um portfólio relativamente concentrado entre 16 a 22 empresas.



Rio Bravo S.A.
Av. Chedid Jafet, 222, Bloco B, 3º andar
04551-065 São Paulo SP Brasil
Tel. +55 11 3509 6600 | 2107 6600

www.riobravo.com.br